



UFMG

Boletim

Nº 1.714 - Ano 37 - 11.10.2010

GUERRA e ...



Extraído do livro *War and Peace/portinari project*



...PAZ no Brasil

Os painéis *Guerra e Paz*, de autoria de Cândido Portinari e que estão instalados na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, retornarão ao Brasil para serem restaurados. O trabalho, que será coordenado por equipe da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), terá a participação do Laboratório de Ciência da Conservação (Lacicor), da Escola de Belas-Artes. O grupo da UFMG ficará responsável pela produção de imagens em alta definição e de análises científicas que ajudarão a determinar o tipo de intervenção e os materiais a serem usados na restauração.

A Faculdade de **MEDICINA** no **CAMPUS** Pampulha

Tenho achado a Faculdade de Medicina muito calada. Pensando muito antes de falar, amedrontada. Nunca gostei do lugar comum de que mineiro trabalha em silêncio. Mineiro só trabalhou em silêncio na escravidão, durante a preparação da Inconfidência e em alguns momentos das ditaduras. Mas nunca de forma permanente, como se isso fosse um traço de caráter. Trata-se de uma vicissitude, jamais será uma virtude, sobretudo na academia, onde o discurso é valorizado. Devemos ser generosos e abertos nas conversas, nos debates e nas polêmicas que edificam o espírito.

Evoco aqui ex-alunos e professores como Pedro Nava, Guimarães Rosa, Juscelino Kubitschek, Cícero Ferreira, Alfredo Balena, Aurélio Pires, só para citar os mais antigos. Ao chegarmos ao centenário de nossa Faculdade de Medicina, fundada em 1911, deparo-me, num rápido balanço que faço, com os debates das questões atuais da transdisciplinaridade, da participação nas discussões políticas maiores, da inovação na formação médica e lembro as atitudes de pioneirismo que nos trouxeram até aqui.

O conhecimento disciplinar isola e aprofunda alunos e professores pesquisadores. Mas a capacidade de trabalhar nas fronteiras dos conhecimentos expande a visão de mundo e o conhecimento. Nada mais desatinado que, no início do século 21, nossa célebre e pioneira instituição resistir à integração transdisciplinar no campus universitário da Pampulha. O único e frágil álibi para essa atitude é o argumento hospitalar. Poderia alegar a distância dos consultórios também. Ou a dificuldade de transporte para alguns. Ou que o hospital Risoleta Neves na região de Venda Nova não poderia receber alunos, residentes e professores. Mas esses argumentos não são úteis, nem altivos, nem válidos. O próprio Hospital das Clínicas é uma unidade terceirizada ao Sistema Único de Saúde (SUS) e não prioriza mais a formação dos alunos e a docência. Os atuais prédios da Faculdade de Medicina e da Escola de Enfermagem seriam providenciais para fortalecer o complexo hospitalar das Clínicas e o Pronto Socorro, ao lado da Santa Casa. Com a vantagem de que eles estão reformados e em condições de uso.

Apolo Heringer Lisboa *

Nada mais desatinado que, no início do século 21, nossa célebre e pioneira instituição resistir à integração transdisciplinar no campus universitário da Pampulha

Estaríamos nós sem grandeza e despojamento em relação às estruturas materiais ou presos ao velho prédio? Isto me lembra o apego judaico ao templo e a práticas repetitivas em detrimento de um novo conteúdo trazido pelo Mestre dos doutores, cujo âmbito expandiria por todos os continentes. Com essa atitude e mentalidade tradicionalistas estamos enterrando o patrimônio maior: o convívio pluridisciplinar, o interdisciplinar e, sobretudo, avançar para a prática transdisciplinar dos alunos e professores de medicina com os alunos e professores das demais áreas das ciências exatas, biológicas, artísticas e humanas.

A possibilidade de convívio ajudará, e muito, na formação aberta das nossas cabeças. As realidades de cada campo do saber e suas questões profissionais seriam do conhecimento de todos, ampliando a transparência e promovendo debates sem apego ao corporativismo. O isolamento da medicina em relação ao campus Pampulha ocorre em prejuízo da ampliação dos horizontes acadêmicos e culturais da formação médica transdisciplinar e do benefício que esta poderá trazer aos futuros médicos e à população. Não podemos fechar a visão de mundo do médico, separando-o da comunidade acadêmica, fortalecendo a sua tendência à especialização precoce e tecnológica e privando-o do convívio e das reflexões sociais e filosóficas em um campus fervilhante de diversidade. Esta diversidade potencializará seu exercício cognitivo e estimulará suas vocações plurais,

aprimorando a qualidade dos futuros profissionais em um mundo cada vez mais dependente de uma revisão conceitual sobre a prática médica, a qualidade de vida e a mentalidade civilizatória.

A comunidade acadêmica da Escola de Engenharia já se transferiu para o campus Pampulha e está eufórica com a experiência. Farmácia e Odontologia revelam o mesmo sentimento. A Face mudou para um ótimo edifício de concepção contemporânea e boa relação com a luz e o ar naturais. Os restaurantes universitários e as cantinas se tornam *locus* do saber universal e da troca de experiências, assim como as caminhadas no interior do campus para diversos fins e os espetáculos na tenda da Praça de Serviços.

A Faculdade de Direito já optou pela transferência. Só faltam a Medicina e as escolas de Enfermagem e de Arquitetura. Quero levar essa discussão para um debate amplo e sem amarras. E pergunto: haveria melhor forma de comemorar o nosso centenário que uma decisão da Congregação pela transferência para o campus Pampulha?

Está prevalecendo um contexto de resistência ao avanço das relações transdisciplinares e ao progresso acadêmico universal que nos afasta dos debates, conferências e convívio com professores e estudantes de outras partes do Brasil e de outros continentes que circulam pelo campus Pampulha. Estamos nos perdendo no tempo e nos isolando no interior da academia e do conhecimento. Está na hora de começar essa mobilização. E fazer um debate aberto, ao qual convido todos os estudantes, professores e funcionários. Seria muito oportuno e alvissareiro que o Diretório Acadêmico Alfredo Balena (Daab) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) aderissem a esse movimento. Que um dia será vitorioso.

* Mestre, professor adjunto da Faculdade de Medicina, doutorando na Faculdade de Educação e idealizador do Projeto Manuelzão

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Festa dos ESTUDANTES

Alunos de graduação e do ensino médio terão seu encontro anual na UFMG entre 18 e 22 de outubro

Itamar Rigueira Jr.

Uma grande festa que tem os alunos como protagonistas. A definição do professor João Antonio de Paula, pró-reitor de Extensão, cai como luva para o UFMG Conhecimento e Cultura, evento que envolve toda a Instituição e deve reunir cerca de 10 mil pessoas entre 18 e 22 de outubro, nos campi Pampulha, Saúde e de Montes Claros.

As aulas ocorrerão normalmente – só não podem ser marcadas provas na semana do evento. A abertura será no auditório da Reitoria, na próxima segunda-feira, dia 18, às 9h, com conferência do professor Luis Carlos Molion, do Departamento de Meteorologia da Universidade Federal de Alagoas. O tema será *Mudanças climáticas e energias renováveis*.

Realizado todos os anos, o evento se destina a divulgar, interna e externamente, os trabalhos realizados nos diversos cursos. Este ano, o UFMG Conhecimento e Cultura engloba a XIX Semana de Iniciação Científica, a XIV Semana de Graduação, o XIII Encontro de Extensão, a XI UFMG Jovem, a IV Feira de Ciência da Educação Básica (Feceb-MG) e o VI Seminário do Provoc na UFMG. Os dois últimos são voltados para alunos do ensino médio.

Uma das novidades para 2010 será a descentralização das atividades. Se tradicionalmente as apresentações da iniciação científica eram as únicas a ocupar diversas unidades, este ano os trabalhos de graduação e extensão, que se concentravam na Praça de Serviços, serão mostrados no ICB, na Face, na Faculdade de Engenharia (sedes da graduação), no ICEX, na Odontologia e na Fafich (sedes da extensão).

Banners e prêmios

Os alunos da UFMG, selecionados por editais específicos, vão expor seus trabalhos em banners e serão avaliados por professores e coordenadores (e por pesquisadores de outras instituições, no caso da iniciação científica, segundo regras do CNPq). Os melhores passarão por nova avaliação numa segunda fase, e os vencedores serão premiados em cerimônia de encerramento no auditório da Reitoria, informa a presidente da Comissão organizadora do evento, professora Carmela Polito Braga.

No caso da graduação, segundo a pró-reitora Antonia Vitória Aranha, haverá mais

A semana em números

Extensão

464 trabalhos

Fafich, 18/10 – 121 apresentações

Faculdade de Odontologia, 19/10 – 168

ICEx, 20/10 – 81

ICA (Montes Claros), 19/10 – 94

Pesquisa

1.653 trabalhos

de 18 a 20/10 – em todas as unidades

Graduação

212 projetos

Cerca de mil bolsistas

www.ufmg.br/conhecimentoeultura/

UFMG Jovem e Feceb

Escolas – 52

- rede pública – 43
- rede particular – 9

Trabalhos – 139

- rede pública – 120
- rede particular – 19

Provoc

65 trabalhos

134 bolsistas

de mil bolsistas envolvidos nas atividades, o que significa crescimento de cerca de 25% em relação a 2009, sobretudo no âmbito das bolsas de monitoria e do programa Pró-Noturno.

Para o pró-reitor de Pesquisa, professor Renato de Lima Santos, a participação da iniciação científica é mais uma demonstração da consolidação da atividade na UFMG. “O evento valoriza vocações e o interesse dos alunos. Os estudantes de mestrado e doutorado têm geralmente ótima base de iniciação científica”, revela o pró-reitor, ele mesmo bolsista na primeira edição do evento.

Cultura e sustentabilidade

A “grande festa” da próxima semana inclui uma série de apresentações de cultura e arte, como o show de Mônica Salmaso, Nelson Ayres e Teco Cardoso que integra o programa Sentimentos do Mundo. Além disso, a produção audiovisual da comunidade será exibida diariamente, às 17h30, no auditório da Biblioteca Central, em edições especiais do Cine 0800. E a parede externa do prédio da Face servirá de tela para projeções de arte digital, sob coordenação do professor da Escola de Belas-Artes Chico Marinho. “Será um grande

painel para exibir obras de professores e alunos da Universidade”, anuncia João Antonio de Paula.

O evento abriga este ano, em 21 de outubro, ao longo de 10 horas, o Dia da Cultura Livre na UFMG, que divulga movimentos que buscam a socialização do conhecimento. A ideia é viabilizar a interação de projetos sociais e educativos, comunidades de software livre e pessoas interessadas em temas como ensino a distância, direitos autorais e liberdade na rede. A iniciativa, do grupo Texto Livre, programa de suporte à documentação em software livre, vai ocupar espaços da Faculdade de Letras.

Integrante da programação da VII Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, iniciativa do governo federal, o UFMG Conhecimento e Cultura valoriza a temática do evento e promove o Seminário Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável, nos dias 21 e 22, na Face. Os debates vão contemplar as relações do tema central com mudanças climáticas na Amazônia, grandes biomas brasileiros, degradação da Mata Atlântica, biotecnologia e políticas públicas. A promoção é da Diretoria de Meio Ambiente e Sustentabilidade, vinculada à Pró-reitoria de Extensão.



Arte de restaurar a GUERRA e a PAZ

Painéis de Portinari instalados na ONU retornarão ao Brasil para serem revitalizados com colaboração da UFMG

Ana Maria Vieira

Em dezembro, grupo de professores da UFMG se desloca ao Rio de Janeiro para a primeira avaliação de um conjunto de 28 grandes placas de madeira, provenientes dos Estados Unidos. A carga é incomum: trata-se das peças de dois monumentais painéis do pintor brasileiro Cândido Portinari, de 140 metros quadrados cada, instalados no saguão do prédio da Organi-

zação das Nações Unidas (ONU), em Nova York, desde 1957. A obra modernista com traços cubistas, conhecida como *Guerra e Paz*, retorna ao país para restauração, onde permanece nos próximos três anos, devido à reforma do edifício da ONU.

A operação, considerada complexa por especialistas da área, conta com recursos de R\$ 6,5 milhões do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para as etapas de desmontagem dos painéis, além de transporte, armazenamento, restauração e pagamento de seguro por três anos. A previsão é de que os trabalhos de restauração

sejam concluídos em quatro meses, e que *Guerra e Paz* parta para diversas mostras pelo país, incluindo BH, e exterior. Antes, no entanto, ela será exposta no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em evento aberto pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 13 de dezembro. Pintados em compensado naval, os dois painéis, que tratam separadamente dos temas guerra e paz, apresentam pequenas degradações em decorrência de umidade e da junção das placas.

“Alguns relatos dão conta de que as placas estão com algumas ondulações, craquelês e problemas de limpeza”, diz a professora da Escola de Belas-Artes (EBA) Alessandra Rosado, que integra a equipe da UFMG responsável pela avaliação científica das condições dos painéis. O trabalho de restauração será feito diante do público, no Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, por especialistas comandados por Edson Motta, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Cláudio Valério Teixeira, secretário de Cultura de Niterói. A UFMG não participa dessa etapa.

“Nosso papel será fornecer uma tradução, por meio de produção de imagens em alta resolução e de análise científica, da composição material e estrutural da obra. Essa avaliação ajudará a determinar o tipo de intervenção e os materiais a serem utilizados pela equipe de Edson Motta”, detalha o professor Luiz Souza, diretor da EBA, que coordena o grupo da UFMG na parceria de restauração.

A Universidade, por meio do Laboratório de Ciência da Conservação (Lacior), vinculado Cecor, ambos da EBA, é líder nessa modalidade de trabalho e pesquisa no país – o que a tornou referência em conservação e análise científica de acervos culturais, útil inclusive na arbitragem de falsificação e autenticidade de obras de arte, especialmente de autores brasileiros.

Aliado

Como explica Souza, o Lacior poderá dar um salto em seu know-how com a análise de *Guerra e Paz* – que envolve, na realidade, projeto mais amplo de conhecimento da obra de Cândido Portinari e que tem aliado de peso na Itália: o Centro SMAArt (sigla para Metodologias Científicas Aplicadas a Arte e Arqueologia), vinculado à Universidade de Perugia.

Técnicas do invisível

Equipamentos portáteis do Laboratório de Ciência da Conservação da UFMG serão levados ao Rio de Janeiro para que, aliados a outros trazidos pelos italianos do SMAArt, façam a documentação de *Guerra e Paz*. “Vamos usar luz visível, que é a fotografia obtida por scanner digital; infravermelho, ultravioleta e raio X para gerar imagens em alta resolução”, antecipa Souza. Após a captação, as “fotografias” serão transferidas a um computador, para a ampliação de detalhes. As técnicas funcionam como ferramentas de diagnóstico por imagem.

Por meio delas, é possível acessar o que está invisível a olho nu, como os arrependimentos do artista, em que desenhos são suplantados por outras escolhas. “A fotografia em infravermelho passa pela camada de pintura e consegue fornecer o desenho preparatório do pintor, antes de pintar a tela”, explica Alessandra Rosado. Já a luz visível permite verificar o estado do verniz e o que os técnicos chamam de “tipologia de craquelê”, as rachaduras e riscos presentes na superfície da tela.

Análises de pigmentos, ou cores, usados pelos artistas também não escapam dos “olhos eletrônicos” do Lacior. “Ao tratar a fotografia no computador, tirando os canais verde e vermelho e substituindo o canal azul pelo de infravermelho, é possível gerar outra imagem chamada infravermelho de falsa cor. É ela que dá informações sobre os pigmentos”, explica o diretor da EBA.

Efeito impressionante para os leigos é produzido pela radiografia X (raio X). A técnica expõe a estrutura da pintura. “Dá para ver a forma das pinceladas, se houve algum rasgo ou remendo na tela não visível a olho nu, mas, sobretudo, a densidade da obra em função dos elementos químicos pesados que foram utilizados”, descreve Luiz Souza.



A gênese



War, 1952

1952

A ONU pede que cada nação-membro doe uma obra de arte representativa de sua cultura para a sede da instituição, que estava em construção. O governo brasileiro encomenda os dois painéis a Portinari.



1955

Portinari inicia a pintura das obras no Rio de Janeiro, em galpão da TV Tupi cedido por Assis Chateaubriand. Chega a produzir mais de 150 esboços preliminares. “Cada mão, cada pé, cada rosto era motivo para um estudo detalhado”, relataria sua assistente Rosinha Leão.



1956

Conclusão, entrega e exposição dos painéis no Teatro Municipal do Rio. A abertura é feita pelo presidente Juscelino Kubitschek. Logo após, os painéis seguem para Nova York.



1957

Inauguração dos painéis na sede da ONU em 6 de setembro, sem a presença de Portinari: comunista, foi proibido de entrar nos Estados Unidos.

.(Fonte: portal do Projeto Portinari: www.portinari.org.br)

O órgão, que detém as técnicas mais avançadas de análise científica de bens culturais não destrutivas, deverá transferir tecnologia e firmar convênio de intercâmbio acadêmico com a UFMG. “O que os diferencia é o uso de laboratório móvel e muitos equipamentos portáteis de ponta, que dispensam a retirada de amostra física das obras, inclusive para análise de materiais”, ressalta Souza.

Em janeiro, alguns de seus integrantes desembarcam no país para trabalhar em mutirão com a equipe da UFMG nos painéis *Guerra e Paz* e em outro projeto de pesquisa do Lacicor, financiado pelo CNPq: a análise de técnicas e materiais das coleções Portinari do Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, e do Museu Chácara do Céu, que se encontra hoje na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Entre as obras mais conhecidas dos acervos estão *Baile na Roça* e *Café*.

De acordo com Souza, a colaboração dos europeus nos trabalhos dos painéis *Guerra e Paz* fará parte das atividades do ano da Itália

no Brasil, em 2011, com apoio do Instituto Italiano de Cultura.

Falsificações

Cândido Portinari é um dos autores mais falsificados no país. Ainda em vida, alcançou grande popularidade e reconhecimento da crítica brasileira e do exterior graças à autenticidade de seus temas e mistura de estilos – clássico, expressionista, cubista e surrealista – e técnicas – pintura mural, afresco e óleo sobre tela.

Considerado exímio desenhista, ele transportou para as telas os traços físicos, sofrimentos e alegrias do povo brasileiro. Os painéis produzidos para a ONU, que trazem cenas e expressões das tragédias e esperanças humanas, personificadas em tipos nacionais, são tidos como a mensagem do Brasil ao mundo, sobre as dimensões da guerra e da paz.

Como observa Luiz Souza, o conhecimento científico de sua pintura é considerado fundamental para combater o tráfico das obras. Parte desse trabalho foi iniciado há 30

anos pelo Projeto Portinari, encabeçado pelo filho do pintor, João Cândido Portinari, e que produziu o primeiro catálogo *Raisonné* de um artista plástico brasileiro, em que constam dados do autor e análises históricas, de estilo e trajetória comercial das obras.

O conjunto de informações reunidas pelo Projeto inclui acervo de mais de cinco mil cromos das pinturas do autor espalhadas pelo mundo. “Após três décadas, eles começaram a perder as cores”, informa Souza. A recuperação do material é o foco de pesquisa de doutorado na UFMG. “Está sendo proposta metodologia para escanear os cromos e restaurar digitalmente suas cores”, relata o professor. A tese é de autoria do professor da EBA Alexandre Leão, coordenador do Laboratório de Documentação Científica por Imagem, vinculado ao Lacicor. Especificamente para *Guerra e Paz*, outro desafio já se coloca para o Laboratório: oferecer solução tecnológica para armazenamento digital de suas imagens, para plotagem em tamanho natural. “A cópia ficará no país”, esclarece Luiz Souza.

ALERTA máximo



Cruzamento da avenida Mendes Pimentel com a rua Eduardo Frieiro, uma das áreas mais afetadas pelas cheias no campus Pampulha

Medidas adotadas pela UFMG buscam reduzir transtornos gerados pelas chuvas

Fred Lamêgo

Período de chuvas é sinônimo de cheias e inundações, realidade enfrentada pela maioria das grandes cidades, e no campus Pampulha não é diferente. Não raro, devido às chuvas fortes, ruas da universidade são ocupadas pelas águas, impedindo o fluxo de carros e pedestres. Medidas têm sido tomadas para diminuir a frequência de enchentes e amenizar os transtornos gerados por elas. São os casos da construção da bacia de retenção em área próxima ao cruzamento da avenida Carlos Luz (Catalão) com o Anel Rodoviário, por onde o córrego Engenho Nogueira entra no campus, e a criação de sistema de alerta, via portal UFMG, com o intuito de avisar diariamente sobre as probabilidades de ocorrência de cheias.

A bacia de retenção, em fase de conclusão, visa reduzir a recorrência de alagamentos no campus Pampulha, principalmente na região da avenida Mendes Pimentel e rua Professor Eduardo Frieiro, áreas mais afetadas. Segundo o professor Márcio Baptista, pró-reitor de Administração, a bacia funciona como reservatório que armazena temporariamente quantidade significativa de água durante as chuvas e impede que ela corra em direção ao córrego Engenho Nogueira, controlando assim sua vazão. Depois do término da chuva, esse reservatório vai lentamente se esvaziando sem provocar grandes alterações no fluxo normal do rio.

“Quanto maior a bacia, maior a capacidade de amortecimento das cheias, mas a que construímos no campus não é tão grande a ponto de solucionar definitivamente o problema”, alerta o pró-reitor. Por isso, em caso de chuvas intensas e prolongadas, enchentes poderão ocorrer novamente.

O problema, como afirma Baptista, é agudo e não pode ser resolvido simplesmente pela construção de um reservatório. “O projeto de canalização dos rios da bacia Engenho Nogueira é antigo, com trechos implantados ainda na década de 1950. Naquela época não se esperava que, sobre a bacia, surgissem tantas edificações, como o Shopping Del Rey”, diz. Desde a canalização, o número de estabelecimentos e residências aumentou consideravelmente. Em consequência disso, o solo ficou menos permeável, forçando a água da chuva a correr para os rios. “A dificuldade que temos hoje é resultado de um crescimento que ocorreu sem o devido planejamento”, afirma o professor, lembrando que a canalização feita na época, com capacidade de 10 metros cúbicos por segundo, já não comporta mais o volume que corre por ela durante as chuvas. Resultado: a água transborda pelos bueiros.

A bacia de retenção é parte de projeto de intervenção no córrego Engenho Nogueira, orçado em R\$ 15,8 milhões, e que integra o Programa de Recuperação Ambiental do Município de Belo Horizonte (Drenurbs), da Prefeitura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Prevenção

Outra medida para prevenção de danos é a criação de um sistema de alerta de riscos de cheias no campus Pampulha. O mecanismo, que ficará disponível no Portal da UFMG, fornecerá informações referentes a meteorologia e aos riscos de alagamentos na região. “Pretendemos avisar, pela página da Universidade na internet, sobre o perigo de enchentes. Com isso, tentaremos evitar que as pessoas circulem pelas regiões afetadas, diminuindo os riscos”, explica.

Também serão instaladas placas ao longo das vias mais ameaçadas pelas inundações – avenida Mendes Pimentel e rua Professor Eduardo Frieiro – alertando sobre o perigo de se estacionar carros na região em caso de chuvas. O pró-reitor aponta que uma das alternativas para evitar prejuízos é usar o trecho do estacionamento do Mineirão reservado para a comunidade acadêmica ou as áreas localizadas em regiões mais elevadas.

Trabalhadores ADOLESCENTES

Os adolescentes Ariene Klécia Silva Braga, da Escola de Arquitetura (1º lugar), Júnia Soares da Silva, do Hospital das Clínicas (2º lugar), e Warley Rodrigues Souza, da Faculdade de Farmácia (3º andar), foram os vencedores do I Concurso de Redação dos Trabalhadores Adolescentes da UFMG, promovido pelo Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos, vinculado à Pró-Reitoria de Recursos Humanos.

O resultado foi anunciado durante a VIII Festa do Trabalhador Adolescente, realizada no Centro Esportivo Universitário (CEU), com a presença do reitor Clélio Campolina Diniz, que fez a entrega dos prêmios.

O concurso, cuja tema foi *Adolescente: um ser em formação*, recebeu textos de 57 jovens. Os vencedores receberam um netbook (1º lugar), um microsystem (2º lugar) e uma câmera digital (3º lugar).

ENTREVISTADORES mirins

O programa Imagem da Palavra, produzido pela Rede Minas, vai ao ar esta semana com uma entrevista feita por dez alunos do Centro Pedagógico com as escritoras Angela Lago e Ana Raquel. A edição especial do programa, produzida especialmente para a Semana das Crianças, terá reprises na quinta-feira, dia 14, às 22h30, e no sábado, dia 16, às 22h. A primeira exibição ocorreu no último domingo, dia 10.

A gravação foi feita no dia 27 de setembro com alunos de teatro com idades entre 9 e 11 anos. Sob a orientação do professor Roberson Nunes, eles se prepararam para a entrevista por meio da leitura dos livros *Psiquê*, de Angela Lago, e *Pé de tudo mais um pouco*, de Ana Raquel. O cenário do estúdio foi criado com painéis pintados pelos alunos do primeiro ciclo do CP, supervisionados pela professora de Artes Visuais Eliette Aleixo. Mais informações no site do programa www.redeminas.tv/imagem-da-palavra.

Osmário Marques



ENFERMAGEM tem nova direção

As professoras Maria Imaculada de Fátima Freitas e Eliane Marina Palhares Guimarães tomam posse nesta quinta, 14, como diretora e vice da Escola de Enfermagem. A solenidade será realizada às 19h, no auditório Maria Sinno, no campus Saúde. “Nossos compromissos estão voltados para a Universidade do século 21, com a retomada de valores fundamentais de convivência social, tolerância, solidariedade e generosidade, para o desenvolvimento do conhecimento e de tecnologias a serviço do ser humano e do ambiente”, afirma a professora Maria Imaculada Freitas, ao anunciar os princípios que nortearão o seu mandato.

Ela é graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com mestrado e doutorado em Ciências da Educação pela Université de Bordeaux II, da França. Professora associada II da Escola de Enfermagem, com atuação na área de saúde coletiva, desenvolve estudos e orienta alunos de mestrado e doutorado sobre temas relacionados às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/aids.

Já a nova vice-diretora, Eliane Palhares, é graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela PUC Minas, mestre em Ciências da Informação pela UFMG e doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

SENTIMENTOS do Mundo

A programação cultural do UFMG Conhecimento e Cultura 2010 traz à Universidade, no próximo dia 21 de outubro, a cantora Mônica Salmaso, acompanhada dos músicos Teco Cardoso (sopros) e Nelson Ayres (piano). O show, que integra o projeto Sentimentos do Mundo, conta com repertório que reúne obras de Villa-Lobos, valsas do começo do século passado, composições de Orlando Silva e parcerias de Edu Lobo e Chico Buarque. Também não faltarão sambas de Adoniran Barbosa e Ary Barroso, além de composições líricas de Tom Jobim. Aberto ao público, o show será no gramado da Reitoria, a partir das 19 horas.

Dança e DRAMATURGIA

Dois trabalhos do ator e bailarino pernambucano Kleber Lourenço e do Visível Núcleo de Criação serão apresentados esta semana no campus Pampulha. No dia 13, dentro do Quarta Doze e Trinta, no auditório da Reitoria, Lourenço mostra o espetáculo de teatro-dança *Negro de estimação*, baseado nos textos do livro *Contos negreiros*, do escritor Marcelino Freire, vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura 2006. A adaptação trabalha temas como identidade racial, religiosidade, exploração sexual, violência e racismo, permeados com humor, acidez e poesia, características da obra de Freire.

Já no dia 14, como parte do projeto Uma Tarde no Campus, Kleber Lourenço e a atriz gaúcha Sandra Possani levam o espetáculo *O acidente* (foto) à Sala Otávio Cardoso, no prédio do curso de Teatro da Escola de Belas-Artes. A apresentação começa às 17h30. Com direção de Fausto Filho, *O acidente*, adaptação da obra do dramaturgo Bosco Brasil, reflete sobre a solidão, o isolamento e a falta de comunicação na sociedade moderna.

Os programas Quarta Doze e Trinta e Uma Tarde no Campus são promovidos pela Diretoria de Ação Cultural (DAC), com entrada franca.

ADAPTAR para sobreviver

Livro descreve como índios aderiram estrategicamente à civilização dos colonizadores dos sertões mineiros

Giselle Ferreira

A historiografia indígena vigente, baseada em documentos escritos pelo homem branco, tende a transmitir abordagem unilateral e incapaz de dar conta do papel exercido pelos índios na configuração social do Brasil Colônia. Uma contribuição para ampliar o horizonte de compreensão da questão está na obra *Os indígenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767-1813)*, escrita pelo historiador Adriano Toledo Paiva e recentemente lançada.

Graduado em História pela Universidade Federal de Viçosa, Adriano Toledo cursa doutorado na UFMG, com ênfase na pesquisa dos processos de conquista e governo dos sertões da Capitania de Minas Gerais na segunda metade do século 18. O livro é resultado de dissertação de mestrado e utiliza como estudo de caso a freguesia do Mártir São Manoel dos Sertões do Rio da Pomba e do Peixe dos Índios Cropós e Croatos, localizada em área de grande extensão territorial na atual Zona da Mata.

De acordo com Toledo Paiva, a ideia de que a cultura e as comunidades nativas dos territórios conquistados nas Minas do Ouro foram dizimadas disseminou-se e perdurou por muito tempo nos manuais didáticos e em uma produção historiográfica. No entanto, a população indígena na capitania era numerosa e os registros documentais por ele analisados revelam que os aborígenes se

adaptaram às situações impostas pelo processo colonizatório, reestruturando suas concepções de espaço, liderança e poder.

Para o historiador, “a descoberta e a grande provocação do estudo é observar de que maneira os índios se inseriram no universo colonial, como eles incorporaram elementos colocados como mecanismos de conquista do homem branco e de que maneira acionaram esses instrumentos para alcançar seus próprios objetivos”.

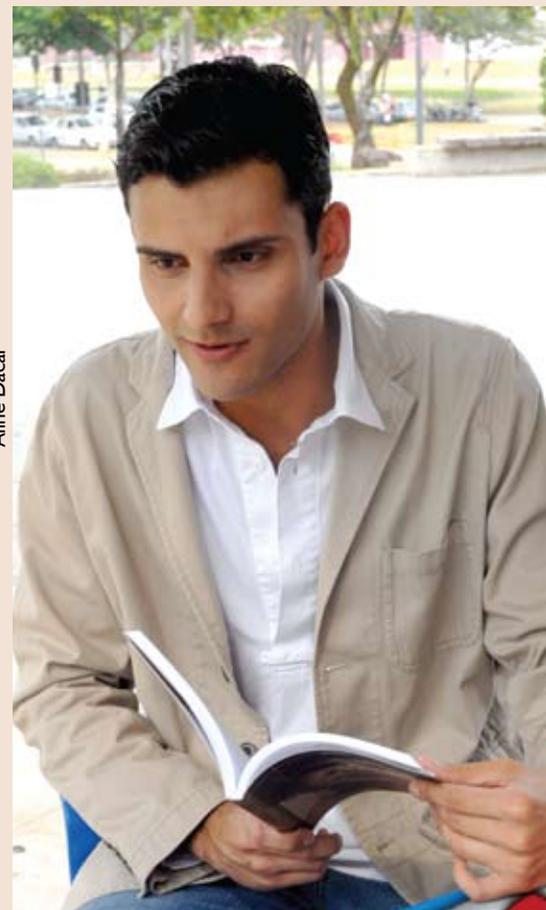
Adriano Toledo Paiva afirma que a colonização teve efeito devastador sobre as aldeias, transformando severamente alguns parâmetros da organização tradicional e eliminando lideranças e valores por meio de confrontos armados. Mas, a despeito disso, ele considera equivocada a ideia da conversão das aldeias em aldeamentos como processo que fez dos índios vítimas passivas de um projeto político.

O pesquisador mostra que os índios souberam explorar as vantagens oferecidas pelo Estado, e a partir de alianças com o poder colonial reconfiguraram suas aldeias. “Os conquistados encontraram novas formas de organização diante da suposta submissão ao poder colonial”, afirma Paiva.

Narrativa

O fio da narrativa se desenvolve pela descrição de alguns personagens, escolhidos conforme a temática que o estudo se propõe a observar. Adriano Toledo conta, por exemplo, a trajetória do Padre Manuel de Jesus Maria, primeiro vigário da freguesia. Nascido de ventre escravo, ele se ofereceu para construir o aldeamento e para catequizar os seus índios, instaurando um novo organismo social extremamente mesclado e complexo.

Em outra frente, o autor desconstrói a tese de alguns pesquisadores que usaram a história de Pedro da Motta, índio e padre, para tentar provar a incapacidade do indígena de viver no mundo do colonizador. “Desde a chegada das primeiras caravelas, os índios foram pensados como seres efêmeros e em transição. Não devemos abordar essas comunidades como cultura pura ou original e fadadas a contaminações que desagregam o ser índio. Precisamos compreender as reformulações identitárias e culturais vivenciadas pelos indígenas ao longo do tempo”, conclui.



Aline Dacar

Adriano Toledo: nova visão sobre a inserção dos índios na sociedade colonial brasileira

Livro: *Os indígenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767-1813)*

De Adriano Toledo Paiva

Editora Argymentvm

208 páginas / R\$ 38

EXPEDIENTE

Reitor: Clélio Campolina Diniz – Vice-reitora: Rocksane de Carvalho Norton – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcelo Freitas – Coordenadora da Agência de Notícias: Marina Rodrigues – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto e editoração gráfica: Rita da Glória Corrêa – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 8 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefones: (31) 3409-4184 – Fax: (31) 3409-4188 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.



Boletim

IMPRESSO